

A ERGONOMIA DOS DIAS

PINTURA CEGA

É no aproximar
que a figura se ausenta
- A abstracção é a figuração vista de perto.

No limite da distância,
o objecto.

Digo:

o poema como narrativa da abstracção imediata

ABELHA DE LUZ

Rente ao peito
o mel escorre do cantar.

Abelha de luz
o poema deixa a erva
daninha.

- A palavra nasce
do pasto.

POETA-OPERÁRIO

Nos lábios, uma tulipa de sangue

- encosta a cabeça à cintura do dia;

Da mão, uma árvore de cal

- laranja negra que no peito se faz máquina

CÍRCULO

A manhã é uma boca que se abre
sequiosa e faminta no limite
da vontade e do esquecimento.
Boca aberta escura de sangue
onde ficou a palavra
e o poema
que ilumina outra boca
na próxima manhã.

AD MARGINEM

canto
na
leve
vertica-
lidade
do
dia
mês
ano
que
entre
sol
e
chão
círculo
e
quadrado
se
reflecte
na
horizontalidade secreta das águas sadias do poema

PROPORÇÃO

A cidade é do tamanho do meu acordar.
E se dias há em que toco nos telhados,
noutros, nem o lambril ombreio

mAIÚSCULA

maio.

(façamos uma pausa)

as palavras também são meses.

escrevo maio, mas não digo Maio.

se quero dizer Maio uso isto: M

(maiúscula vem de maio)

metáfora: não: maio é maio.

nos livros leio Maio,

contigo canto maio.

és tu que reduces as palavras.

estranha alquimia esta

de transformar meses em palavras,

palavras em meses.

poesia é gostar das palavras.

maio és tu.

A PESSANHA

As palavras sobem-nos pelas pernas
e à roda da cintura
fazem casa nos ângulos mortos.

E pela casa fora, uma rua de branco
cuja nómada habitação faz florir
(por engano) as rosas bravas
no Inverno.

DIZ-SE POR AÍ QUE AMANHECEU

Diz-se por aí que amanheceu:
abre a janela e deixa os pássaros entrar.

(os pássaros são rios em bando que empurram o azul)

Sente-se já o cheiro do fogo.
(Tróia arde lá fora)

O vidro da janela somos nós
- e o fogo é transparente.

A chuva faz a purga do céu
- e de Tróia, faz-se Roma.

